

**UM ESTRANGEIRO LÊ MACHADO:**

**uma crítica inoperante da instituição literária nacional**

**Keli Cristina Pacheco<sup>1</sup>**

**Resumo:** O debate de Abel Barros Baptista sobre o ensaio de Machado de Assis, “Notícia Atual da Literatura Brasileira. Instinto de nacionalidade”, desencadeou uma reflexão acerca dos critérios que impõe balizas na literatura, limitando-a como nacional. Em oposição ao critério nacional desenvolvemos, neste ensaio, uma discussão sobre o exílio, categoria que, segundo Jorge Luis Borges, Sérgio Buarque de Holanda, Euclides da Cunha, entre outros, pauta o espaço latino-americano. A partir de tal constatação, lemos, neste ensaio, o exílio em sua dupla possibilidade de apreensão: de um lado a leitura do teórico pós-colonialista Edward Said (exílio como dialética); de outro a do filósofo contemporâneo Jean Luc-Nancy (exílio como negatividade), para assim buscar compreender as diferentes acepções e usos do termo exílio, e qual delas poderia fundamentar a crítica inoperante de Baptista.

**Palavras-chave:** Crítica literária. Literatura brasileira. Instituição. Exílio.

**Abstract:** The debate created by Abel Barros Baptista about Machado de Assis essay's “*Notícia Atual da Literatura Brasileira. Instinto de nacionalidade*”, initiated a reflexion concerning the criteria that impose limits to the literature, restricting it as national. In opposition to the national criterion, we developed, in this essay, a discussion about the exile, category that, according to Jorge Luis Borges, Sérgio Buarque de Holanda, Euclides da Cunha, among others, guides the Latin American area. From this finding, we read, in this essay, the exile in its double possibility of comprehension: in one side the reading by the post-colonialist theorist Edward Said (exile as dialectic); in the other side, the reading by the contemporary philosopher Jean Luc-Nancy (exile as negativity), then we can try to comprehend the different meanings and uses of the term exile, and which one of them could fundament Baptista's inoperative review.

**Key-words:** literary criticism. Brazilian literature. Institution. Exile.

A vinculação da literatura à formação da nação como um critério que impõe balizas é ponto chave da crítica brasileira. Flora Süssekind aponta para essa repetida tendência problemática da crítica, quando recorre constantemente ao tema de sua "fundação", como um

---

<sup>1</sup> Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e pesquisadora do Núcleo de Estudos Blanchotianos e do Pensamento do Fora (UnB). Atualmente é professora do Departamento de Letras na Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO-PR). E-mail: [kecipacheco@hotmail.com](mailto:kecipacheco@hotmail.com)

modo de se autolimitar sempre na produção ou reforço de uma identidade nacional coesa. (Ver SUSSEKIND, 1994, p. 67-87).

Em 2003, Abel Barros Baptista, crítico português, publica o livro intitulado *A Formação do Nome, duas interrogações sobre Machado de Assis*, em que revela abertamente os entraves criados pela crítica brasileira que impossibilitam, de algum modo, a leitura crítica da obra de Machado de Assis realizada por alguém que não fosse de nacionalidade brasileira: "é impossível, para nós, leitores portugueses da ficção machadiana, trabalhar dentro da tradição crítica brasileira, porque os problemas que ela colocou não são e nem podem ser nossos problemas". (BAPTISTA, 2003, p. 40). E para Baptista, pelo contrário, na literatura de Machado não se encontra qualquer projeto que forme limites de cunho nacionalista, tal como é possível localizar facilmente em José de Alencar, com sua missão de cartografar os 'tipos' brasileiros, "o gaúcho", "o sertanejo", "o indígena", etc.. Sobre José de Alencar, Baptista escreve:

[...] o objetivo essencial era garantir a nacionalidade literária através da construção de um retrato do Brasil, o Brasil da atualidade do romantismo e o Brasil através do processo que a ela terá conduzido. Tratava-se enfim de restituir a literatura ao Brasil: nele estava a indicação do caminho, nele residia sobretudo a garantia de possibilidade e de êxito pleno da busca da nacionalidade literária. (Idem, p. 30).

Machado, conforme Baptista, não se propõe à defesa, ou à tentativa de criação ou projeção de uma literatura estritamente nacional, brasileira. Porém o tema da nacionalidade se apresentou como um problema incontornável para Machado, e para Baptista nos afirmar tal proposição ele resolve se debruçar sobre o célebre ensaio "Notícia da atual literatura brasileira - Instinto de nacionalidade", de 1873, que inicia com a seguinte sentença: "Quem examina a atual literatura brasileira reconhece-lhe logo, como primeiro traço, certo instinto de nacionalidade" (ASSIS, 2008, p. 105).

No ensaio, a metáfora do título "instinto de nacionalidade" apresenta-se original, pois Machado vai aos poucos, e paradoxalmente, revelando seu conceito de instinto como sendo algo familiar, reconhecido e a nacionalidade surge, em oposição, como estranha, imprópria e construída.

Vale lembrar ainda que o filósofo Gilles Deleuze escreve, no ensaio "Instintos e Instituições" (1955), que os termos instinto e instituição são usados como procedimentos de

satisfação. O instinto se dá quando há uma reação de modo natural aos estímulos externos, quer dizer, é satisfeita uma necessidade; já a instituição acontece quando se elabora modos de satisfação artificiais, retira-se o organismo da natureza, submetendo-o a uma série de modelos de ação. “[...] é verdade que o dinheiro livra da fome, com a condição de se tê-lo, e que o casamento poupa do trabalho de se procurar um parceiro, mas traz consigo outras obrigações”. A partir desta constatação, Deleuze conclui categoricamente que "o homem não tem instintos, ele faz instituições. O homem é um animal em vias de despojar-se da espécie". (DELEUZE, 2006, p. 24 e 31).

Se, como nos diz Deleuze, o homem não tem instintos, mas constrói instituição, a literatura nacional, ou o instinto dessa literatura na verdade nada mais é do que instituição, pois aparece como uma busca, como um desejo de construção de uma literatura nacional, autônoma. Baptista parece concordar com Deleuze quando escreve que "o próprio instinto é uma busca". Se o instinto é busca ele não pode mais ser considerado instinto, mas passa a ser instituição. Deleuze aponta para o fato de que o instinto/instituição no homem é algo que se constrói, que faz sentido, que opera mecanismos de compensações não imediatas, tampouco naturais.

Ao revisar o comentário da crítica referente a este ensaio de Machado de Assis, Baptista demonstra cuidadosamente como alguns nomes bastante conhecidos da crítica literária brasileira, de algum modo, elaboraram uma estratégia interpretativa para que houvesse uma inserção de Machado ao projeto nacional. Porém, ao invés de vê-lo como partícipe da constituição de tal projeto, Baptista detecta três recusas em Machado: a de transformar o projeto nacional em lei; a recusa do próprio projeto definindo-o como empobrecedor; e a de entender a literatura brasileira como ruptura do passado literário europeu. Sobre esta última, Baptista aponta que há opinião similar em Jorge Luis Borges que, assim como Machado, vê na tradição européia uma riqueza, advogando contudo a necessidade de recebê-la sem qualquer sinal de hierarquia ou autoridade.<sup>2</sup>

É possível pensar ainda que esta tradição, pontuada constantemente como sendo exterior, se revela como própria, e tal propriedade também seria em parte responsável ao que provocaria uma espécie de sentimento de exílio que, segundo alguns estudiosos, nos seria comum. Como já pontuou o próprio Jorge Luís Borges, em 1926, em *El tamaño de mi esperanza*, principalmente

---

<sup>2</sup> Baptista refere-se ao ensaio de Borges que responde a pergunta "Qual é a tradição argentina?". (Cf. BAPTISTA, 2003, p. 99). Seria então o que Betriz Sarlo denomina 'cultura de mescla', quando se utiliza da tradição passada, porém já contendo as características que desenvolverá a arte própria. (Ver SARLO, 1988).

quando expõe a idéia de que “somos desterrados na própria terra”. Tal expressão de Borges aparece no mesmo ano do lançamento de *El juguete rabioso*, de Roberto Arlt, romance que tem como protagonista Silvio Astier, uma personagem exilada que perambula pela cidade de Buenos Aires. A mesma idéia de descompasso entre o homem e a terra natal também já estaria presente em Lima Barreto.<sup>3</sup> Por sua vez, Sérgio Buarque de Holanda, dez anos depois de Borges, irá repetir em *Raízes do Brasil* a frase: "somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra".

Carlos Eduardo Schmidt Capela (2004), no ensaio “Esse ser tão estrangeiro”, presente na revista *Outra Travessia*, nos mostra como a categoria do exílio e da ‘estranheira’ é fundamental para a construção da reflexão de Euclides da Cunha sobre o Brasil e o mundo contemporâneo. Em *Os Sertões* (1902), Euclides da Cunha já empregara a idéia de estranhamento no próprio, seja como imagem metafórica do desconhecimento dos brasileiros do litoral em relação aos do sertão, os habitantes da terra ignota, seja como figura paradoxal das tropas oficiais como mercenárias no próprio país. Num ensaio posterior, "Terra sem História (Amazônia)", publicado em *Contrastes e Confrontos* (1907) e em *À Margem da História* (1909), Euclides inclusive antecipara a fórmula empregada por Borges e Sérgio Buarque. Escreve Euclides: "Naqueles lugares, o brasileiro salta: é estrangeiro: e está pisando em terras brasileiras". (CUNHA, 1994, p. 57).

A presença estrangeira, bem como o sentimento de exílio, estaria, portanto, presente na constituição da literatura brasileira ou latino-americana. Neste sentido, podemos pensar a instituição literatura brasileira também constituída por um elemento que aponta para o fora, para seu próprio exílio.

Porém, podemos remontar ao menos duas concepções de exílio: uma concepção dialética, que remonta e concebe o exílio como ponto de passagem, de trânsito, como contingência, obrigando o exílio a produzir sentido ao final, fazendo-o trabalhar em prol de uma restauração ou consecução, e assim o exílio teria um princípio (perda) e um fim (sentimento de diferença como ganho); e outro, quando, pelo contrário, concebe-se uma noção não-dialética, apontando para uma negatividade de uma existência como exílio, como conceituará Jean-Luc Nancy: "pero no

---

<sup>3</sup> Sobre o sentimento de exílio na própria terra, desenvolvemos a dissertação de mestrado *Lima Barreto e o mal-estar no território*. Nela detectamos nas personagens protagonistas de alguns romances e contos de Lima Barreto um sentimento de não-pertencimento e de mal-estar no próprio território, engendrando uma espécie de resistência cultural, conforme os estudos de Edward Said, Stuart Hall, entre outros. (Ver PACHECO, 2005).

como movimiento fuera de algo propio, a lo que se regresaría o bien, al contrario, a lo que sería imposible regresar; un exílio que sería la constitución misma de la existencia, y por lo tanto, recíprocamente, la existência que sería la consistencia del exilio". (NANCY, 1997, p. 37).

Esta última concepção diferencia-se da desenvolvida por Edward Said, em *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*, onde escreve:

[...] o exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar [...]. Por mais que tenham êxito, os exilados são sempre excêntricos que *sentem* sua diferença (ao mesmo tempo que, com frequência, a exploram) como um tipo de orfandade. [...] Agarrando-se à diferença como uma arma a ser usada com vontade empedernida, o exilado insiste ciosamente em seu direito de se recusar a pertencer a outro lugar. (SAID, 2003, p. 55. Itálico do original).

Isto significa que, para Said, o “o que é verdade para todo o exílio não é a perda da pátria, mas que a perda é inerente à própria existência de ambos”. (Idem, p. 59). Também em *Cultura e Imperialismo*, Said (1999) fala que o exílio não é somente "afirmado a partir da existência da terra natal, do amor por ela e de uma ligação real com ela; a verdade universal do exílio não é que se tenha perdido esse lar, esse amor, mas que inerente a cada um, existe uma perda inesperada e indesejada".

Apesar de Said considerar o exílio inerente a cada um, o teórico pós-colonialista não desconsidera aí a relação de perda ou de desvinculação entre o homem e a pátria. Assim, Said parece traçar uma noção de exílio que sempre decorre, ou melhor, é provocado a partir da existência de limites nacionais/territoriais. Deste modo, o autor define o exílio como sendo um trauma ocasionado pela perda da pátria ou decorrente da simples existência desta (sentir o exílio sem que se tenha saído da casa). A partir daí, sua preocupação se detém em como devemos lidar com a perda da casa, ou com essa fratura essencial provocada pela simples existência da casa. O crítico literário sugere que devemos nos preocupar com o que resulta do trauma, com o que vem depois, da casa, do território, ou das descolonizações (como indica a própria nomenclatura do campo em que seus estudos se desenvolveram, o *pós-colonial*<sup>4</sup>). Ao aproximar o exílio de uma

---

<sup>4</sup> A preocupação crítica que Said desenvolve em seus estudos apontam para o problema da violência do discurso colonial, e vê a literatura como sendo, por vezes, partícipe da dominação, por outras, partícipe de uma resistência à imposição colonialista. Isto o leva a uma concepção da concretude do romance: “Perder de vista ou ignorar o contexto nacional e internacional, digamos das interpretações que Dickens fez dos homens de negócios vitorianos, e

condição humana de solidão e espiritualidade, Said parece se afastar da proposta de Jean-Luc Nancy.

De ahí que no se trate de estar 'en exilio en el interior de sí mismo', sino ser sí mismo un exilio: el *yo* como exilio, como apertura y salida, salida que no sale del interior de un *yo*, sino *yo* que es la salida misma. Y si el 'a sí' adopta la forma de un 'retorno' en sí, se trata de una forma engañosa: porque 'yo' sólo tiene lugar 'depués' de la salida, después del *ex*, si es que puede decirse así. Sin embargo, no hay 'después': el *ex* es contemporáneo de todo 'yo' en tanto que tal. (NANCY, 1996, p. 38).

Através de Said pode-se perceber um exílio que pressupõe a existência da casa, mesmo sem se ter saído dela, pois para Said também é possível se sentir exilado no próprio território, mas há ainda a pressuposição de uma existência fundamental de um ponto de onde se parte, ou de um ponto de relação exterior que ao mesmo tempo nos constitui. Já Nancy sugere uma inexistência fundamental da casa, a própria linguagem constituiria, para o filósofo, o exílio do homem, e nós seríamos resultados desta fratura na origem, ou seja, a existência de uma casa, de um território, de uma geografia, já não faz mais sentido aí. E antes da casa, antes da terra prometida, nos lembra Blanchot, só poderia existir o deserto e os dias nômades:

---

enfocar apenas a coerência interna de seus papéis nos romances do autor é perder uma ligação essencial entre a sua ficção e o mundo histórico dessa ficção. E compreender essa ligação não significa reduzir ou diminuir o valor dos romances como obras de arte: pelo contrário, devido à sua *concretude*, devido a suas complexas filiações a seu quadro real, eles são *mais* interessantes e *mais* preciosos como obra de arte". (SAID, 1999, p. 44 - itálicos do original). Ou seja, entender a concretude do romance aqui significa admitir que há relações entre o âmbito cultural e o político-econômico. Vale acrescentar que nesta postura está imbricada à negação da visão clássica de admitir o econômico como determinante (tese central de Marx). Isto evidencia que Said na esteira dos pressupostos de Raymond Williams, se posiciona contra um materialismo vulgar e um determinismo econômico. Williams, segundo Hall, "oferece, em seu lugar, um interacionismo radical: a interação mútua de todas as práticas, contornando o problema do determinismo. As distinções entre as práticas são superadas pela visão de todas elas como formas variantes de práxis – de uma atividade e energia humanas genéricas". (WILLIAMS apud HALL, 2003, p. 135). Deste modo, para Said, torna-se pressuposto fundamental conceber a cultura não mais como um campo em que se impinge valores, mas como um meio de se viabilizar uma discussão. E admite, portanto, que as artes produzem significados e valores que entram ativamente na vida social, moldando seus rumos e não só refletindo uma situação determinante. Do contrário, pode-se ressaltar que a arte, mais especificamente a literatura, – ao contrário do discurso que deseja produzir a "verdade" – "é o exílio da verdade". (BLANCHOT, 1987, p. 241). Nela, como em toda a arte, reina a dissimulação. O espaço da ficção torna possível o impossível, e impossibilita o possível quando "afirma a presença insólita das coisas reais em pura ficção, em pura ausência". (Idem, p. 38). Segundo Foucault, "o fictício não está nunca nas coisas nem nos homens, mas na impossível verossimilhança do que está entre eles: encontros, proximidade do mais longínquo, absoluta dissimulação lá onde nós estamos. A ficção consiste, portanto, não em mostrar o invisível, mas em mostrar o quanto é invisível a invisibilidade do visível". (FOUCAULT, 2001, p. 225). Deste modo, a literatura, essa "trapaça salutar [...], reconhece que a língua é um imenso halo de implicações, de efeitos, de repercussões, de voltas de rodeios, de redentes", e justamente por assumir a "inadequação da linguagem ao real", segundo Barthes, a literatura torna-se realista. (BARTHES, 1978, p. 20-23).

O deserto ainda não é nem o tempo, nem o espaço, mas um espaço sem lugar e um tempo sem engendramento. Nele se pode apenas errar, e o tempo que passa nada deixa atrás de si, é um tempo sem passado, sem presente, tempo de uma promessa que só é real no vazio do céu e na esterilidade de uma terra nua, onde o homem nunca está, mas está sempre fora. O deserto é o fora, onde não se pode permanecer, já que estar nele é sempre estar fora. (BLANCHOT, 2005, p 115).

Neste sentido, o próprio conceito de literatura nacional autônoma, ou da instituição literatura brasileira – quando se compreende o exílio de que falam Borges e Sérgio Buarque de Holanda (somos exilados, desterrados, na própria terra) – parece solicitar ser desertificado, para que seja possível alcançarmos outra promessa: uma leitura como deserto ou como desertora do limite institucional da literatura brasileira, conceito que se torna, no estudo de Baptista, estranho, impróprio e construído.

Ao se elaborar leituras que indiquem uma espécie de inoperância do critério que impõe balizas nacionais, tal como Baptista faz ao ler Machado de Assis, entramos em consonância com o exílio que constitui a literatura, isto se considerarmos o literário como uma espécie de ‘terra desolada’, um lugar vazio, desumanizado, destituído de toda necessidade que não dele próprio, visto como um espaço livre de toda lei, de toda norma e por isso passível de se tornar um espaço de questionamento radical de todo e qualquer senso de pertença.

## Referências bibliográficas

ANTELO, Raul. “Labirintos da biblioteca do pobre”. In: *Outra Travessia, Revista de Literatura*. Ilha de Santa Catarina, 1º semestre de 2005.

ASSIS, Machado. “Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade”. In: NETO, Miguel Sanches (org.) *O ideal crítico*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

BAPTISTA, Abel Barros. *A Formação do Nome, duas interrogações sobre Machado de Assis*. SP: Unicamp, 2003.

BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. SP: Cultrix, 1978.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Trad. Álvaro Cabral. RJ: Rocco, 1987.

- \_\_\_\_\_. *O livro por vir*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CAPELA, Carlos Eduardo S. "Esse ser tão estrangeiro". In: *Outra Travessia - Revista de Literatura do Curso de Pós-graduação em Literatura/ UFSC*, n. 2, Ilha de Santa Catarina, 1º semestre de 2004.
- CUNHA, Euclides da. "Terra sem História (Amazônia)". In: *À Margem da História*. SP: Martins Fontes, 1994.
- DELEUZE, Gilles. "Instintos e Instituições". In: *A ilha deserta*. SP: Iluminuras, 2006.
- \_\_\_\_\_. & GUATTARI, F. "20 de novembro de 1923 - postulados da lingüística". In: *Mil Platôs*. Vol. 2. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Claudia Leitão. SP: Ed. 34, 2005.
- FOUCAULT, Michel. "Por trás da fábula". In: *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Trad. Inês Autran Dourado. RJ: Forense Universitária, 2001.
- NANCY, Jean-Luc. "La existência exilada". In: *Archipiélago*, n. 26-27, inverno de 1996.
- PACHECO, Keli Cristina. *Lima Barreto e o mal-estar no território*. [Dissertação de mestrado] BU/UFSC, Florianópolis, 2005.
- SAID, Edward. "Reflexões sobre o exílio". In: *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia. SP: Cia. das Letras, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Cultura e Imperialismo*. Trad. Denise Bottman. SP: Cia. das Letras, 1999.
- SARLO, Beatriz. *Uma modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*. Buenos Aires: Nueva Vision, 1988.
- SUSSEKIND, Flora. "Cenas de fundação". In: FABRIS, Annateresa (org.). *Modernismos e Modernidade no Brasil*. SP: Mercado das Letras, 1994.
- WILLIAMS apud HALL, "Estudos Culturais, dois paradigmas". In: *Da Diáspora - Identidades e Mediações Culturais* (org. Liv. Sovik). Trad. Adelaine La Guardia Resende (et al.). BH: UFMG, 2003.

**Recebido em: 20/02/2012. Aceito em: 26/03/2012.**